

# MAGDA SZABÓ

Autora de *A Porta*

## RUA KATALIN



«Um texto brilhante, soberbo  
e desconcertante.»

*Le Figaro*



cavalo de ferro

## PERSONAGENS

### Família Elekes

ÁBEL ELEKES

SENHORA ELEKES, a mulher

IRÉN, a filha

BLANKA, a filha

RÓZA, a governanta

KINGA, filha de Irén

PALI, primeiro marido de Irén e pai de Kinga

### Família Bíró

COMANDANTE

BÁLINT, o filho

SENHORA TEMES, a governanta

### Família Held

LAJOS HELD, dentista

ANNA HELD, a mulher

HENRIETT, a filha

MARGIT, a governanta

O processo de envelhecer não é como o descrevem os escritores, e nem tão-pouco como é definido na Medicina.

Nenhuma obra literária, nenhum médico, havia preparado os habitantes da Rua Katalin<sup>1</sup> para a luz ofuscante que a velhice lançaria sobre o túnel sombrio que haviam percorrido quase inconscientemente durante as primeiras décadas das suas vidas; nem tão-pouco para o modo como ela reorganizaria as recordações e os medos, alterando os seus julgamentos e o seu sistema de valores. Aceitaram a ideia de que teriam de contar com certas mudanças biológicas: o corpo iniciara um trabalho de demolição que prosseguiria com a mesma precisão e eficácia que, desde o momento da sua concepção, tinha aplicado à tarefa de se preparar para a viagem que se iniciava. Aceitaram também a ideia de verem o seu físico transformado, os sentidos debilitados, os gostos ou os hábitos, mesmo as suas necessidades, alterados. Tornaram-se mais gulosos ou sem apetite, mais tímidos ou, eventualmente, mais susceptíveis, com mais dificuldades em dormir ou a fazer a digestão, coisas que na juventude lhes pareciam tão naturais como a própria existência. Ninguém lhes havia explicado que o desaparecimento da juventude seria alarmante, não por lhes retirar, mas por lhes oferecer algo. Não lhes oferecia nem sabedoria, nem serenidade, nem lucidez, ou paz, mas sim a consciência da desintegração do Todo.

Perceberam, de repente, que o envelhecimento havia desintegrado o passado, que, na infância e durante os anos da juventude, haviam considerado estável e sólido: o Todo harmonioso fragmentara-se. Tudo aquilo que lhes acontecera até ao momento estava lá, no passado, mas de forma diferente. O espaço ficou dividido em lugares, o tempo em momentos, os acontecimentos em episódios, e os habitantes da

Rua Katalin compreenderam finalmente que, na realidade, os acontecimentos que constituíam as suas vidas só em poucas situações, nalguns momentos e episódios, foram importantes; o resto servia apenas para encher os poros da fragilidade da existência, tal como as aparas de madeira impedem que se quebre o conteúdo de uma caixa destinada a uma longa viagem.

Nesse momento, perceberam que a diferença entre os vivos e os mortos era apenas qualitativa. Tinham a certeza de que, na vida de cada um de nós, só há uma pessoa cujo nome podemos gritar no momento da morte.

## LUGARES

Nenhum deles conseguiu adaptar-se ou afeiçoar-se ao novo apartamento; limitaram-se a aceitá-lo como a tantas outras coisas. Era um lugar que servia de abrigo contra a chuva e o sol, não muito diferente de uma caverna, apenas mais cómodo. Apesar de a senhora Elekes se empenhar em mantê-lo limpo, parecia ter sempre um aspecto descuidado. A sua tendência inata para a desarrumação só garantia a ordem por alguns minutos; depois, como se um poder misterioso actuasse sobre as suas costas, a bela aparência e a harmonia evaporavam-se de repente. O copo usado pelo convidado permanecia sujo, e quando os homens procuravam um cinzeiro, encontravam apenas um, cheio de fósforos e beatas, pois esquecia-se sempre de os esvaziar.

O apartamento situava-se no sexto andar de um prédio relativamente novo, construído na margem do Danúbio, que lhes permitia observar o outro lado do rio. Através das janelas da casa nova, via-se a antiga, cuja fachada ficara entaipada por andaimes durante meses, enquanto era remodelada juntamente com os prédios vizinhos. A um habitante que lá tivesse passado a infância, havia de parecer alguém que, por raiva ou simples brincadeira, não retirara a máscara findo o Carnaval.

Bálint, Irén ou a senhora Elekes ficavam muitas vezes na varanda a observar a outra margem do Danúbio, depois de os novos prédios da Rua Katalin terem sido construídos junto ao rio. Quando Elekes ou Kinga entravam na sala, eles davam meia-volta, fingindo que estavam a fazer alguma coisa na varanda.

Todos sofriam naquele apartamento, não apenas por causa dos andares altos, das dimensões reduzidas ou da falta do jardim; cada um tinha as suas próprias razões; Elekes mais do que os outros. Com a excepção de Kinga, todos se mostravam muito atenciosos com ele, como se, já com certa idade, tivessem levado a sério os seus conselhos antigos com que instruíra os seus discípulos. Enchiam os dias com

uma benevolência cansativa. Graças à sua força de vontade exemplar, Elekes aprendera a entreter-se sozinho; fazia trabalhos manuais, colava sacos e caixas para uma cooperativa, até escrevia à máquina pequenos artigos sobre temas pedagógicos. De vez em quando, Irén dizia-lhe que enviara os seus artigos para uma revista pedagógica nacional, a *Instrução Pública*, onde tinham sido publicados. Apesar de não falar sobre isso, Elekes sabia que aquilo que escrevia não era suficientemente actual, não trazia nenhuma novidade para ser remunerado com aquele honorário modesto que diziam que pagavam por ele; isso era impossível. Esse dinheiro seguramente era retirado do orçamento familiar e posto nas suas mãos para que ele pudesse tocá-lo; depois retornaria ao seu lugar.

Tirando algumas peças, a mobília era a da casa antiga. Na altura da mudança, por falta de espaço, tinham vendido muitas coisas.

Elekes passava a maior parte do dia sentado por baixo do busto de Cícero; nem ele próprio sabia a razão, já que Irén ocupara as gavetas e a secretária com as suas coisas. Levavam-no a passear duas vezes ao dia, como se costuma levar um cão, e, embora desejasse sentir o perfume do sol, do vento e da água, pensava que a pessoa que o acompanhava tinha pouco tempo e coisas mais importantes para fazer do que passeá-lo junto ao rio. Assim, muito atento, dizia que preferia regressar a casa. Quando Irén o acompanhava, comprava-lhe sempre alguma coisa: no Verão, gelado ou milho cozido; no Inverno, abóboras ou castanhas assadas. Ao mastigar aquilo que lhe era oferecido, Elekes sentia um certo fastio e embaraço.

Kinga aborrecia toda a gente. Ninguém tinha paciência para ela, excepto Elekes; mas a rapariga ficava sempre incomodada por o avô nunca se dar conta daquilo que ela fazia, mesmo quando lhe deitava a língua de fora ou, da varanda, gozava com as pessoas que passavam na rua. Não sentia respeito por ele. Estava demasiada segura do carinho do avô e não precisava daquilo. Com as suas manifestações de ternura, também incomodava Bálint, que quase nunca lhe retribuía

os afectos; às vezes, até a repreendia irritado, dizendo que seria melhor se visitasse o seu pai, porque não era filha dele, mas sim de Pali. Quanto à senhora Elekes, andava desesperadamente à deriva no oceano de água do lava-loiça, nunca terminando os trabalhos domésticos.

Irén e a sua família ocupavam duas assoalhadas no apartamento. Isso incomodava a senhora Elekes por o considerar terrivelmente grande. Sentia-se muito cansada e sem forças, e aquele espaço, ao mesmo tempo, parecia-lhe vergonhosamente pequeno, quase humilhante, em comparação com a casa da Rua Katalin. Quando percorria o apartamento, sentia a ausência dos móveis e dos objectos perdidos ou vendidos a baixo preço e sentia-se também privada de sótão, de cave, de caixas e de prateleiras na despensa. Por vezes, a meio de uma tarefa doméstica, ficava imóvel como uma estátua. Tinha muitas saudades de Blanka, tantas que, naqueles dias em que a tão esperada carta dela não chegava, sentia um aperto na alma. Ficava então parada à entrada, fitando o carteiro ao ponto de este ter de desviar o olhar, como se tivesse culpa por não ter chegado aquela maldita carta que a velha tanto esperava.

A senhora Elekes pensava em Blanka todos os dias com uma paixão cada vez maior e temia cada vez mais a hora em que Irén terminava o trabalho e voltava para casa. Não era a única a receá-lo; também os outros, inclusive Elekes, que, apesar de não ver o que se passava, percebia tudo quando a figura de Irén aparecia à porta, queixosa e esgotada por ter sido muito solicitada na escola.

Irén, seguidamente, começava a arrumar tudo, como se fosse uma máquina. Bálint, a senhora Elekes e Kinga observavam-na silenciosamente, enquanto ela percorria a casa, alinhando um livro na estante ou compondo uma jarra. A senhora Elekes, terrivelmente cansada de tantas limpezas, sentia muitas vezes vontade de arrancar a toalha da mesa ou atirar um bibelô pela janela fora. Sentia-se tremendamente furiosa e humilhada por causa daquela luta silenciosa para manter a mesa e as estantes arrumadas, guardar a distância desejável entre



os objectos, cujos lugares e ordens nunca conseguiu fixar ao longo dos anos.

Quando Irén gritava, cada um reagia à sua maneira. Elekes escutava envergonhado a sua voz forçada e antinatural. A senhora Elekes ficava extremamente excitada e angustiada, tentando perceber a razão que provocava aquela fúria. Bálint olhava para ela com curiosidade. Irén ficava sempre calma ao ver a expressão do rosto de Bálint, este, tranquilamente, fumava um cigarro a um canto, observando-a com ar divertido. O tom de voz de Irén mudava repentinamente; por vezes começava a chorar, pedindo desculpa a toda a gente sempre com a mesma conversa: que estava a ficar velha, cansada e nervosa. O facto de Irén não ter sido capaz de se controlar – gritava, gesticulava, atirava as pantufas, lamentava-se de forma indisciplinada –, parecia ser mais chocante do que os erros antigos de Blanka, de quem o pai esperava que fizesse, se não aquilo que acabara de fazer, ao menos algo pouco decente, pouco honrado. Kinga, que nunca tinha conhecido uma Irén diferente, escutava estupefacta os relatos dos avós sobre a casa antiga e a infância da sua mãe. Foi Irén que se encarregou de verificar os seus trabalhos de casa; era uma mãe correcta e olhava sempre para ela com um certo espanto, como se não conseguisse assumir que aquela rapariga era a sua filha, enfim não se assemelhava àquela figura brilhante que aparecia nas recordações dos Elekes.

Quando estava em casa, Bálint ficava entediado e isso maravilhava-o. Nunca deixou de se surpreender com a indiferença que sentia pelo lugar onde vivia ou por outro sítio qualquer. Considerava inútil esperar, depois de ter casado com Irén, que a sensação de irrealidade que dominava a sua vida desaparecesse algum dia.

A senhora Temes apenas conseguiu salvar para ele algumas coisas da casa dos Bíró, ao passo que a decoração dos Elekes continuava quase intacta; não obstante, não produziu o efeito mágico que esperava. O lar de Irén e da sua família não era nada parecido com o da Rua Katalin. A sensação de Bálint *estar num outro sítio* acompanhava-o nesta

casa, e o casamento com Irén, no máximo, servia apenas para sentir que ela também procurava a Rua Katalin com a mesma paixão do que ele. Também Elekes e a sua mulher desejavam desesperadamente reencontrá-la, e apenas Kinga vivia despreocupada e bem-disposta, sem procurar o eco das vozes longínquas, porque ela não conhecia nenhum outro lugar no mundo, além daquela casa de Pest, e, na realidade, julgava suspeitas e duvidosas todas as recordações que não tinham que ver com ela.

A lei de *estar num outro sítio* era severa: nunca representava a realidade, nem tão-pouco aquilo que Bálint gostaria que representasse. Por exemplo, no campo de prisioneiros de guerra, antes de o mandarem fazer os trabalhos sanitários, nunca se lhe revelaram os arames farpados, as luzes implacáveis dos holofotes, somente as salas do hospital e a Faculdade de Medicina. Enquanto cumpria as tarefas impostas, às vezes ficava pensativo, olhando para as mãos sujas, perguntando-se como podia tocar nos doentes com aquelas mãos, ou como podia explicar na sala de aula aquele traje estranho que usava; mas por muito que se esforçasse a evocar as imagens do seu passado, nunca conseguira ver o jardim dos Held, as selas do comandante ou o busto de Cícero. Depois de ter voltado do campo de prisioneiros, na casa dos Elekes onde morava e também no seu posto de trabalho, o que percepcionava não era o quarto onde vivia, a banheira onde tomava banho, os doentes que tratava, a cama confortável em que dormia, mas os estigmas do campo de prisioneiros. Quando administrava uma injeção, tinha a sensação de estar a cavar uma trincheira; quando estava sozinho em casa, corria à casa de banho porque sabia que o tempo que podia passar na latrina era limitado, e quando podia ter dormido tranquilamente, a rotina do despertar matinal do campo tirava-lhe o sono. Nessa altura, ainda existia a Rua Katalin. Irén e a sua família ainda viviam na casa antiga dos Elekes, e mesmo que as duas casas já tivessem sido ocupadas, os três prédios ainda não haviam sido requisitados para a futura construção do lar social. Enfim, os novos

habitantes não se queixavam por ele olhar com frequência pela janela para dentro da sua casa antiga. Em vão olhava para a casa, que parecia intacta, até podia tocá-la; esta desaparecera quando ainda existia, assim como a rua inteira, apesar de continuar a andar por ela, como se tivesse sido levada por alguém, como um lenço metido no bolso.

Na aldeia, durante o período mais harmonioso da sua vida, voltou a tentar evocar sem êxito aquilo que desejava ver. Possuía uma casa solitária, mas o *estar num outro sítio* divertia-a, fazendo-o acreditar que, em vez do seu próprio lugar, vivia num quarto alugado na Rua Rákóczi, em Budapeste, e era esse quarto que via à sua volta. À noite, baixava o volume do rádio porque se lembrava de que a música incomodava o proprietário da casa. Entre os móveis de Blanka, que estavam impregnados pelo seu medo, escutava o silêncio e os ruídos da aldeia. Ali, junto a Irén, tudo estava presente em simultâneo: o campo de prisioneiros e o hospital, o quarto alugado, o apartamento de Blanka e a casa na aldeia. Sorria, por vezes, ao ver como as mulheres se esforçavam em manter a ordem daquele espectáculo irreal, pelo qual entravam e saíam lugares e cenários diferentes. Para que serve limpar as maçanetas, quando não eram outra coisa senão terra desnuda, arames farpados e holofotes, e não havia nem maçanetas nem fechaduras, apenas guardas? Para que serve encerar o chão, quando o hospital só tinha solo de cimento, sendo absurdo encerá-lo? E para que serve esfregar a casa de banho, quando um prisioneiro não tinha direito a usá-la, ou seja, essa nem sequer existia? Para que serve a varanda com os seus vasos, se o proprietário nem os queria e, além disso, sob os cuidados de Blanka, acabariam sempre por morrer? Como podia atulhar-se tanta gente numa casa de aldeia, onde ele vivia sozinho, e mais, como parou lá uma menina pequenina, esquecida pelos pais de manhã, no seu consultório? Os cenários da sua vida entravam e saíam pela porta do apartamento. Quando não tinha nada que fazer e estava demasiado cansado para ler ou ouvir música, Bálint inclinava-se para trás na poltrona, colocada a um canto,

onde antes Blanka se costumava aconchegar, e se entretinha a observar como se alternavam os cenários; tinha vontade de os cumprimentar e lhes perguntar se se conheciam tão bem como ele os conhecia. A razão pela qual tinha aterrado ali, pela qual procurara Irén na exposição, esse único cenário que conhecia tão bem como se se tratasse dos próprios ossos, dos próprios nervos, nunca surgiu nem com Irén, nem sem ela; não o pôde reviver nem em conversas, nem com recordações. Irén, como foi comprovado, também não conhecia a senha mágica; foi em vão que casou com ela. A Rua Katalin desapareceu no lado oposto do rio, junto com a senhora Temes, com os Held, com o comandante e com Henriett.

Quando tinham tempo e não recebiam convidados, ficavam muitas vezes em casa a conversar. Os convidados de Irén infligiam um autêntico suplício aos dois velhos, que se viam obrigados a deitar-se mais tarde do que o habitual; e, mesmo quando se deitavam cedo, acordavam em sobressalto por causa do vaivém e do ruído do lava-loiças, enquanto, em plena noite, Irén lavava e arrumava os copos. Nessas alturas, sentiam, mais do que nunca, que não estavam no seu antigo lar, que a Rua Katalin, onde eram eles os donos, fora raptada por uma ave e levada para um país imaginário. Deste modo, viam-se obrigados a adaptar-se a uma Irén já adulta, que não tinha nem vontade, nem tempo para se acomodar às suas necessidades. Nessas noites, Elekes, sentado rígido na sua poltrona, escutava atentamente; a senhora Elekes, por sua vez, estendia-se em cima de uma cadeira, morta de cansaço; Kinga aconchegava-se junto a Bálint, e, de lá, observava-os, achando as suas vozes demasiado divertidas: Irén e os outros falavam sempre em voz alta, articulando cada sílaba, como se Elekes, além da visão, também tivesse perdido a faculdade de audição, mas aquilo tudo era insuportável para os ouvidos sensíveis de Elekes. Permaneciam assim sentados, todos juntos, porque não conseguiam viver uns sem os outros, embora, na maior parte das vezes, a simples presença os irritasse mutuamente. Quando Pali, ainda

casado com Irén, os viu pela primeira vez na companhia de Bálint, logo percebeu até que ponto era inútil conviver com eles. Aquela gente sabia algo que ele, e também Kinga, desconhecia, estavam a guardar um segredo qualquer ao qual ele nunca teria acesso. Quando Irén correu com ele, Pali foi o único entre todos os amigos e conhecidos que soube porque é que ela o tinha feito, o único que não se indignou com Irén por o ter trocado pelo outro, por uma pessoa sem futuro. Todos sabiam que esse era um médico medíocre, que tinha escolhido a sua profissão por engano, que também não era propriamente atraente, parecia muito mais velho do que ele, e nem sequer estava apaixonado por Irén, que já o tinha deixado uma vez, como ela lhe confidenciou. Pali sabia que não se tratava de Irén e de Bálint, nem dele ou de Irén, nem de amor, apenas de algo, cujo nome ele desconhecia, mas que unia estreitamente aquelas pessoas ali, que lançavam palavras insignificantes como se jogassem à bola, conceitos incompreensíveis para ele e para a menina, mas que lhe iluminavam os olhos e até faziam rir Elekes. Depois de ter superado a primeira dor da ofensa, na realidade, ficou contente por poder ir-se embora e deixá-los continuarem a jogar aquele jogo estranho, sem vergonha, sem testemunhas presenciais.

Mesmo que evocassem o seu enigmático mundo, apenas se mostravam animados e barulhentos durante algum tempo, e, em seguida, cansavam-se do espectáculo. O jogo não chegava a resolver nada, era como um desejo não realizado, que não podia ser consumado num abraço. Eram muito poucos para suportar o peso das imagens que surgiam ao pronunciar aquelas palavras, faltavam os ausentes, o ambiente da casa afundava-se, ameaçando-os como um tecto prestes a entrar em colapso. Depois de algum tempo, sentiam que tudo era em vão, mesmo assim, recomeçavam o jogo com a esperança, apesar de não terem consciência disso, de que, agarrando-se uns aos outros, apertando as mãos com força e procurando as palavras certas, podiam sair daquele labirinto e regressar ao seu lar. Ao aguardar por esse

momento, só teriam de suportar aquele apartamento provisório e inverosímil, tão elevado e perto da água, como fazem as aves que pousam também em qualquer lugar para poderem descansar. São quatro, ou melhor cinco, a percorrer o caminho, já que Blanka também existia e escrevia. Se apenas um deles conseguisse chegar a casa, todos chegariam; Elekes recuperaria a visão e voltaria a ser dono da casa, a senhora Elekes conseguiria relaxar, ficaria gorda e dedicaria-se a bordar almofadas, preguiçaria o dia todo; Irén e Bálint amaria-se-iam, ela seria dócil, calada e reluzente, ele irradiaria segurança e tornar-se-ia um grande médico. Henriett, numa daquelas ocasiões em que os visitou, não se materializou fisicamente, mas estava ali, escutava-os triste, porque sabia que sem os ausentes, por muito que a procurassem, nunca encontrariam a Rua Katalin. Kinga, que ainda era pequenina, viu Henriett, mas tentou em vão explicar que havia mais alguém na casa, o avô deu-lhe um pequeno sermão sobre as meninas mazinhas, Irén, por sua vez, uma palmada na mão, dizendo que era muito feio mentir, e, de seguida, agarrou-a pelos braços e levou-a para a cama.

A casa estava situada na extremidade da língua de terra, num ponto suficientemente alto para não ser atingida pelas ondas. O ruído da água ouvia-se constantemente, umas vezes mais, outras vezes com menos intensidade, e quando alguém olhava para fora, por detrás das grades do jardim, via o mar a toda a volta, cujas ondas não paravam de bater contra a costa rochosa, como se tivesse um eterno assunto pendente com aqueles penhascos.

As suas noites nunca foram perfeitas, mas, no Verão, a maior parte das vezes, não pregava olho. Não suportava o calor. O marido, a sogra e as criadas sabiam disso. Durante o dia, deixavam-na dormir o tempo que quisesse, e quando deambulava pela casa, nervosa e sem apetite, evitavam-na para não a incomodar. Nos dias de canícula, à noite, saía do quarto para o jardim, e lá passeava sem rumo, vestida apenas com uma camisa de noite, até que fosse encontrada desnuda pelo marido ou pela sogra, que a obrigavam a vestir um robe, conscientes de que quando o calor diminuísse, acalmar-se-ia e voltaria a ser tão dócil e submissa como antes. Por respeitar os costumes ao domingo, a sogra tinha um especial carinho por ela, consciente do sacrifício que lhe causava vestir, no calor, o traje tradicional que todas as mulheres da ilha deviam usar quando iam à missa; suave com o vestido preto e também por causa do lenço preto que cobria a cabeça, mas suportava tudo isso para lhes agradar. Eram tão poucas as vezes que tinham de se adaptar a Blanka que, ao chegar o Verão, lhe perdoavam as noites agitadas e esperavam pacientemente que se restabelecesse. Quando estava particularmente nervosa, nem o marido, nem a sogra se iam deitar, o que não era um grande sacrifício, pois, na ilha, dormia-se sem ordem estabelecida; o dia iniciava-se mais cedo e acabava mais tarde, e a vida parava entre o meio-dia e a noite. O marido e a sogra sentavam-se juntos e conversavam, a velha mastigava algo, o marido

preparava um refresco, a criada pegava nas peças de roupa que Blanka deixara espalhadas debaixo da ventoinha e levava-lhe umas pantufas quando esta ia descalçada para o jardim, depois sentava-se também no degrau inferior da escadaria de mármore, aos pés dos senhores e observava com curiosidade o passeio de Blanka. Adorava-a por ser a melhor e mais humana pessoa que conhecia. Observava-a quando estava parada ao canto do jardim, perscrutando o horizonte. Às vezes rezava, sentindo tanta pena dela. Blanka, por vezes, abria o robe para que o sopro do vento tocasse a pele, deixando assim os seios à mostra. O marido, nessas alturas, repreendia-a severamente; ela voltava a fechá-lo e começava a abanar o rosto, ofegando. A família sentia-se ligeiramente magoada pela sua incapacidade de se habituar ao clima; aprendera depressa a língua, falava sem erros, quase de forma elegante, e aceitara também a sua religião, o que seguramente devia ter sido mais difícil do que suportar a canícula. De vez em quando, viam-na atravessar as salas de chão empedrado e sem portas para entrar na cozinha, onde se encontrava um frigorífico gigante que abria e tirava de lá vários cubos de gelo. Nunca os punha numa bebida, só brincava com eles, levava-os para o jardim, deslizava-os pelos braços, pelo pescoço, ou colocava-os em cima da cabeça.

Quando reparavam que tinha adormecido, iam buscá-la. Costumava dormir atrás da balaustrada, cabeceando debaixo dos arbustos bem cheirosos, nunca sentada num banco, mas sim no chão; dali tinham de acompanhá-la de regresso a casa, carregando-a. A sogra seguia-a com o olhar terno e curioso, porque era impossível não gostar dela. Blanka era mais obediente do que qualquer outra pessoa que conhecia, era completamente diferente, manifestando-lhe mais respeito do que as meninas das boas famílias da ilha. Blanka não tinha ideias modernas sobre a vida; se lhe diziam que não gostavam que saísse, não saía, ficava sentada em casa. A velha nunca tinha visto, entre as suas compatriotas, uma dama tão distinta como a sua nora, que nunca trabalhara e visivelmente não sentia a sua falta, era, natural e



inocentemente, feita para obedecer e amar. A única coisa que a preocupava em Blanka era esta ainda não lhe ter dado netos, mas esperava que, mais cedo ou mais tarde, isso acontecesse; ao fim e ao cabo, estava casada com o seu filho há pouco tempo. Deste modo, todos tentavam suportar as estranhas noites de Blanka; o marido, apesar de considerar um grande sacrifício, renunciava, no Verão, a dormir com ela. Quando não conseguia abster-se, logo depois de fazer amor, adormecia relaxado, entorpecido, nunca se apercebendo de que Blanka, acordada, triste, em vez de se distender, continuava deitada com os olhos bem abertos, saindo depois para a casa de banho, onde, debaixo do duche, deixava que a água quente corresse sobre o seu corpo até começar a tremer. Na realidade, Blanka, enquanto faziam amor, pensava em algo distinto do que pensava o seu marido, levado ao êxtase. Pensava em que medida os seus corpos banhados de suor ficavam colados e no ruído sonoro que as suas peles pegajosas emitiam. Não sentia outra coisa senão o calor, por muito que trabalhassem as ventoinhas em cima deles e apesar da quantidade de água que bebia; apenas o estado imóvel, a imobilidade absoluta a refrescava, não na cama, mas no jardim, onde se agachava por trás do balaustrado, sentindo a brisa do mar acariciá-la.

Durante o dia, mesmo no Verão, tudo era mais simples. Depois de uma noite agitada, dormia ou, se não tinha vontade de ficar deitada, descia para mergulhar no mar. O mais insuportável era que, ao longo da noite, o calor não diminuía, e as horas que passava em branco faziam surgir imagens que, ao princípio, não queria ver, mas depois desistiu, percebendo que quanto mais tentava afastá-las, mais insistentes e atormentadoras se tornavam. Se não tivesse sido tão disciplinada e carinhosa, e se na ilha, onde nasceram e viveram deuses, não tivessem visto tanta coisa estranha, talvez a sua vida tivesse sido mais dura, mas o seu marido afeioara-se-lhe bastante, e a simpatia da sogra garantia-lhe uma situação absolutamente segura dentro da casa. Ela, se calhar, gostava mais de Blanka do que o próprio marido,

facto que não deixava de causar surpresa, porque Blanka, apesar de se deixar ser dirigida como uma menina, obedecendo, abraçando a fé deles, vestindo-se conforme a vontade da sogra para ir à igreja ou para fazer ou receber visitas, continuava a ser uma completa estranha para eles. Mas isso não lhes importava, aceitavam-na na mesma. Blanka era parecida com aquelas mulheres, vindas de longe, que tanto prendiam a atenção do seu filho, porque este, para a sua desgraça, não se sentia atraído pelas mulheres da sua terra. Mas a velha sabia que essas estrangeiras que chegavam em iates, partilhavam os camarotes com os seus cães, bebiam muito e eram ricas, riam-se dos seus costumes e da sua pessoa, revoltar-se-iam e poderiam virar o seu filho contra ela, por isso aceitou Blanka, que era igualmente loira e tinha pernas compridas como aquelas mulheres de pele clara, vindas de países distantes, mas era apátrida, pobre, humilde, e assim todos ficavam satisfeitos: o filho encontrara a mulher exótica que desejava, e ela ganhara uma nora que se lhe submetia sem reservas.

A casa estava rodeada de palmeiras, loureiros, mirtos, velhos oleandros junto às escadas da entrada. Na sala de estar, aberta e sem portas, no pátio interior que se escondia no coração do edifício, cresciam arbustos anões em potes de majólica. A velha achava graça por Blanka contar que tivera uma colecção de cactos minúsculos no seu país, e o marido tinha gravado o nome dela num cacto do tamanho de uma árvore, para que lá igualmente tivesse um, e também riam porque, no Inverno, Blanka e a sua família tinham de levar os oleandros para dentro da casa para não ficarem gelados. Blanka ficava muitas vezes junto ao seu cacto, onde gravou também palavras nas folhas carnudas. Nem o marido, nem a sogra entendiam as palavras escritas na língua desconhecida, embora conseguissem lê-las, porque reconheciam as letras latinas. Quando lhe perguntavam o que tinha lá escrito, ela respondia que eram nomes. Apreciavam isso, valorizando a sua fidelidade e as suas recordações, e quando na ilha se celebrava o dia dos mortos, entregavam a Blanka um pacote

de velas finas para que ela também pudesse render o culto no seu próprio altar, segundo os costumes da ilha. Ficavam surpreendidos com a quantidade de velas que ela acendia – provavelmente muitos dos seus já tinham morrido –; e também ficavam surpreendidos com o tempo que passava frente ao altar; isso agradou à sogra, pensando que ela faria homenagem à sua memória quando já cá não estivesse.

Não lhe agradavam as raras ocasiões em que Blanka estava activa, mas tolerava-as. Por vezes, no Inverno, mostrava-se estranhamente viva. Quando o marido estava no tribunal ou no escritório, os da casa observavam com curiosidade o que fazia; mesmo os empregados espreitavam-na discretamente por detrás das colunas. Não era muito conveniente quando se sentava à secretária do marido; a velha proibia os criados de falarem sobre isso. Por cima da secretária, num suporte, encontrava-se o busto do sogro de Blanka, às vezes sentava-se por baixo dele, puxando para a sua frente os dossiês do marido, dos quais não entendia nenhuma palavra; depois traçava linhas numa folha e estudava-as absorta. Henriett, que já tinha ido à ilha, sabia que, aos olhos de Blanka, o busto do sogro representava Cícero, e que, em tais ocasiões, Blanka fingia que era Elekes a corrigir provas em casa. Henriett decifrou igualmente o que ela havia escrito no cacto, ali estavam gravados os nomes de todos, também o dela e, pelo elevado número, sabia que no altar dos mortos não só acendia velas por eles e pelo comandante, mas também por aqueles que tinha deixado para trás, inclusive a senhora Temes.

Passava muito tempo com ela porque tinha curiosidade por saber que tipo de recordações Blanka guardava deles e como imitava as suas sombras entre assentos baixos e sofás com pés de bronze, naquela casa onde o único quarto que correspondia ao que ela considerava ser um quarto era o escritório do seu marido, no qual, sendo mulher, não era aconselhável entrar. Quando entrava na cozinha – onde também não tinha nada a fazer –, os criados observavam-na com olhar devoto. Blanka cozinhava maravilhosamente, como todas as

que tinham sido ensinadas pela senhora Temes, mas, em sua casa, era demasiado preguiçosa para se interessar por isso; e ali apenas se deslocava à cozinha quando se queria lembrar e sentir a presença da senhora Temes. Os velhos sabores caseiros traziam-lhe de imediato a figura da senhora Temes, apesar de Blanka ser a única a conseguir depois comer o que ela própria cozinhava: os outros, só de os provar, afastavam logo de si os pratos, por serem demasiado condimentados e lhes poderem causar dores de estômago. Blanka, a maior parte das vezes, fingia que era a senhora Elekes. Bordava almofadas enormes com padrões estranhos que depois oferecia às empregadas; estas não sabiam o que deviam fazer com elas, porque na ilha, devido ao calor, não era costume colocar almofadas nas cadeiras, então desfaziam-se delas cuidadosamente, mas antes disso observavam bem os padrões esquisitos que Blanka tinha bordado. Admiravam a picota, que não sabiam o que representava, depois a Ponte das Correntes, desenhada de cor e bordada com fio azul. Essa imagem não lhes dizia nada, excepto o leão, visto que na ilha vivera um deus sob a forma de leão; por isso pensavam que a Ponte das Correntes era um símbolo.

Quando Blanka andava pela casa, com as costas direitas e os ombros levantados, sem dobrar os joelhos, rígida como um pau, a sua nova família observava-a com curiosidade. Não conheciam nada sobre o país que ela abandonara e, por isso, não podiam identificar a marcha dos soldados daquela terra. Blanka aprendera também a tocar os instrumentos da ilha e, quando tinham visitas e a velha queria vangloriar-se diante das outras velhas da sua nora tão dócil e meiga — porque as jovens da ilha eram insolentes, vestiam-se de forma vergonhosa, segundo a moda da capital longínqua, e gozavam com os velhos —, estava sempre disposta a tocar. Tinha sempre muito êxito ao tocar, na sua flauta, as melodias mais estranhas do mundo, aquelas que havia aprendido com a senhora Held, que gostava tanto de tocar no piano canções pentatónicas. Sentada na sala iluminada que cheirava

a incenso, onde as criadas serviam sem parar cafés e refrescos, Henriett escutava. Parecia-lhe que a sua mãe estava ainda mais presente ali do que naquele sítio onde permanecia normalmente: através dos sons agudos, sinuosos e pueris, ressoavam os ecos dos muros da Rua Katalin. Às vezes, na altura da evocação de Blanka, também via o seu pai, já que o seu marido tinha estudado em Paris e possuía uma vasta biblioteca, coleccionando obras estrangeiras e, na ilha, Blanka tomara o gosto pela leitura. «Porque é que nunca lêes bons livros?», perguntava tantas vezes Held à pequena Blanka, recomendando-lhe obras clássicas. Ela saía rindo a dizer que aqueles livros a aborreciam, não estava interessada. Elekes sentia-se envergonhado, era impossível convencê-la; em casa, excepto ele e Irén, ninguém lia. Agora Blanka tinha as traduções francesas dos livros preferidos do pai. Held sorria e acenava com a cabeça entre os clássicos, Henriett até via a sua mão tirar um livro da estante e colocá-lo em cima da mesa. Blanka respeitava a ordem que reinava então na sua antiga biblioteca, e, nas suas estantes, os clássicos alinhavam-se seguindo a mesma ordem usada na casa dos Held.

Henriett emocionava-se com o facto de Blanka pensar frequentemente nela. O marido desta, desde os seus anos estudantis, conhecia a estranha atracção dos estrangeiros pelos animais, atracção que a velha, nascida na ilha de onde apenas tinha saído uma vez para fazer uma peregrinação, ignorava. Ficou estupefacta ao ver que Blanka acolhia os animais vagabundos que enchiam a ilha sem que alguém se preocupasse com a sua sorte; e, ainda mais, quando via um burro ou uma mula atacada por moscas ou com a boca a sangrar, ordenava irritada aos criados para lhes darem de beber, os limparem e lhes tirarem de imediato os arreios. O marido de Blanka estava orgulhoso deste estranho costume que a velha não era capaz de compreender; sabia que nisso também a sua mulher era parecida com os ocidentais. Suportava tudo sem levantar qualquer objecção, só se irritava quando a matilha de cães, atraída pela comida, o impedia de entrar em casa, ou quando no jardim quase não conseguia andar por causa da grande

quantidade de gatos. Henriett admirava que Blanka chamasse todos os animais pelo seu nome, vagabundos, famintos, doentes que acolhia e que queria tratar. Ao ouvir o grito «Henriett», os animais extenuados pelo calor, com olhar aveludado levantavam a cabeça, e Blanka corria para lhes levar água e lhes dar de beber. A sogra e as criadas observavam-na perplexas e estupefactas. «Henriett», dizia uma criada apontando para um cão abalroado que ficara no meio do pó, no sítio onde tinha sido abalroado por um automóvel, e Blanka levava-o no seu carro ao hospital da ilha, onde, precisamente por causa dos estrangeiros que vinham à ilha na companhia dos seus animais, um veterinário da capital dava consultas no Verão.

Ela nunca fingiu ser Bálint ou Irén, mas falava deles. Eram os únicos que mencionava, e a sua sogra, que adorava ouvir histórias, não se cansava de a escutar. Henriett ouvia com admiração como havia transformado não apenas a sua própria vida, os motivos e as circunstâncias pelos quais tinha abandonado o seu país, mas também a sua família. Blanka fingia que o seu pai era o comandante, e Henriett, que ia muitas vezes visitar a nova pátria de Blanka, não ficava surpreendida com este facto: na ilha, um professor não gozava de prestígio, um homem como o marido de Blanka nem sequer dirigia a palavra ao director da escola primária local, mas convidava com frequência o comandante da guarnição. Deste modo, a figura de Elekes e a do comandante fundiram-se numa só, e como Blanka também tinha de falar sobre a sua mãe, mas, além da tendência para a desordem da senhora Elekes, era impossível descrever a sua encantadora ternura e o seu charme irresistível, evocava uma pessoa em quem Henriett reconhecia a sua mãe. Assim, a senhora Held tinha um duplo papel na ilha: Blanka não interpretava apenas as suas canções, mas descrevia também detalhadamente a sua figura, o seu carácter, a sua pura doçura. Nunca falava nem de Henriett, nem dos Held, nem da senhora Temes, somente de Irén e de Bálint, fazendo passar este por seu irmão, o que era mais fácil do que explicar quem ele era na realidade, pois na ilha dizer que uma mulher tinha um amigo só podia significar uma coisa.

Na encantadora Rua Katalin, situada nas margens do Danúbio, vivem Irén, Blanka, Henriette e Bálint, quatro crianças inseparáveis que crescem na Budapeste dos anos 30, partilhando brincadeiras, segredos e sonhos. Ao entrarem na idade adulta, porém, a violenta e trágica arbitrariedade do destino irrompe pelas suas vidas, alterando também a face da cidade e do país: sucedem-se a invasão nazi, a guerra, a ocupação soviética e a Revolução Húngara de 1956.

Estendendo-se da década de 1930 aos anos 60, *Rua Katalin*, livro premiado com o Prix Cévennes para Melhor Romance Europeu de 2007, é uma elegia à alegria e à esperança, e, simultaneamente, um retrato brilhante e, por vezes, sombrio, do poder avassalador das memórias e do tempo.

«Em *Rua Katalin*, o passado nunca se encontra adormecido, nunca se resolve. O passado é uma ferida aberta, uma força viva que molda incessantemente um presente cada vez mais confuso. Um romance extraordinário.»

***The New York Times Book Review***

«Os leitores ficarão deslumbrados com a textura e limpidez da prosa de Szabó. Estamos perante um romance brilhante e inesquecível.»

***Publishers Weekly***

ISBN 978-989-623-263-4  
9 789896 232634



cavalo de ferro